

---

BELLET, Maurice: *La quatrième Hypothèse: sur l'avenir du christianisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 2001. 143 pp., 20,5 X 14,5 cm. ISBN 2-220-04925-6.

---

Autor de muitas obras e algumas já traduzidas em português. Estilo tipicamente francês. Literariamente bem trabalhado. São abundantes as expressões antitéticas, bem escolhidas, com jogos elegantes de palavras. O livro é um repertório de pensamentos, reflexões, um pouco soltas, sem uma estrutura lógica entre as partes. Um texto um pouco *décousu*. O título deve-se à escolha do autor pela quarta hipótese de futuro do Cristianismo. Apresento as quatro.

A primeira hipótese: o cristianismo desaparece e com ele o Cristo da fé. O anúncio já freqüentemente feito se realiza. Não é o efeito de um conflito, de uma luta anticristã. Simples desaparecimento. Ficam os monumentos, as obras de arte, os trabalhos dos historiadores. Algo semelhante acontecido com os deuses da Babilônia. Talvez tenha ficado algo no inconsciente coletivo. Mas já não é fé cristã.

A segunda hipótese: o cristianismo dissolve-se. Não é, na verdade, destruído. Sua contribuição para a humanidade já se tornou bem comum e isto lhe escapa. Assim os "valores cristãos" do respeito à pessoa, do cuidado dos que sofrem, da dignidade dos pobres etc., tão fortemente desconhecidos nas "idades

cristãs", se impõem hoje. Mesmo do lado do "espiritual", o Evangelho torna-se um componente desse imenso domínio que o homem do Ocidente desconheceu, mas cuja importância redescobre por obra de suas próprias misérias e pelo encontro com as sabedorias orientais. Jesus encontra lugar aí, como no panteão hindu. Mestre admirável, um dos elos da grande tradição, mas não mais que isto.

A terceira hipótese: o cristianismo continua. É conservado, restaurado, restabelecido. Mas também é adaptado, acomodado, arranjado. Mesmo as oposições, elas permanecem no interior dum conjunto, fundamentalmente intocado. Dá-se um passo para a direita, outro para a esquerda, para suportar as sacudidas da modernidade. A própria contestação ao sistema depende mais dele do que se pensa. São questões institucionais. As outras, não resolvidas, são decisivas, muito mais radicais, como seria a possibilidade mesma de escutar o Evangelho, como palavra de verdade.

A quarta hipótese: algo acabou, inexoravelmente. É este sistema religioso, ligado à modernidade do Ocidente e muito dependente dela. É um certo fim do cristianismo. Morre algo

e não sabemos até onde tal morte nos atinge. Crise inseparável de uma crise muito mais geral que questiona muitas evidências e aspirações do homem ocidental (exatamente agora que a globalização faz triunfar por toda parte este tipo de homem). Mas algo também se anuncia, mas não sabemos o que isso será. Estamos na linha de partida, na margem de uma nova era da Humanidade. Para pior? Para melhor? Não sabemos. Está muito nas nossas mãos. A pergunta: nesse lugar e momento inaugural, pode o Evangelho aparecer como Evangelho, isto é a palavra precisamente inaugural que abre o espaço de vida? Paradoxo. O Evangelho é antigo. O tempo das coisas capitais não se rege pela cronologia. A repe-

tição pode ser repetição do inaudito, como cada nascimento humano é uma repetição banal, e, cada vez, inaudita. Se o Evangelho é, aqui e agora, essa palavra, todo o resto se arruma. Os problemas da Igreja podem ficar sem resposta, mas se o Evangelho se torna silêncio, todo o resto é vão.

Esta página que reproduzi quase literalmente é clarividente e ousada. Abre perspectivas para boas discussões. O livro prossegue no estilo de paradoxos e alusões, referências e ditos bem lapidados e bonitos. Estilo saboroso, leve, sugestivo.

João Batista Libanio SJ

---

SUDBRACK, Josef: *Experiência religiosa e psique humana: onde a Religião e a Psicologia se encontram*. Tradução do alemão por Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2001. 149 pp., 20,8 X 14 cm. ISBN 85-15-02327-X.

---

O autor é um teólogo experimentado com trabalhos especializados no campo da espiritualidade, sobretudo inaciana. Tratou aqui um tema de fronteira entre o sadio e o doentio, entre as ciências humanas da psicologia, psiquiatria, parapsicologia e a teologia, entre o universo do mistério humano de suas fraquezas, doenças e o mundo da santidade, da graça. Assunto extremamente atual. O autor mostra enorme erudição. Se há uma crítica é precisamente o excesso de informação a ponto de deixar o leitor um pouco perplexo até mesmo sem saber exatamente o que o autor pensa.

Demarca o campo de abordagem, estabelecendo um diálogo interdisciplinar entre religião e psicologia. Estuda, de

modo especial, a experiência dos místicos, onde mais claramente aparecem os contrastes entre o mundo da graça e o da psicopatologia. O autor toma distância dos dois extremos de uma psicologização das experiências místicas e de uma resistência a toda análise psicológica, praticada por alguns teólogos. Nenhuma das duas ciências dá conta do fenômeno místico e diabólico. Mesmo depois de sua análise, fica um continente de mistério que escapa à nossa ocular racionalista.

O livro passa em revista experiências de grandes místicos, recorrendo a seus relatos. Entre eles estão Teresa de Ávila, Ângela de Foligno, Cristina de Stommeln, Teresa de Lisieux, Ana Catarina Emmerick, Teresa Neumann,

a experiência de possessão de Loun-dun etc.

O A. desposa a tese de que só no nível da linguagem simbólica se aprende menos imperfeitamente essa problemática-limite das experiências místicas, angélicas, diabólicas e do mal. Recorre à famosa afirmação de P. Ricoeur: “o símbolo dá o que pensar”. “O símbolo dá; quem determina o sentido não sou eu; é o símbolo”. Estamos diante de uma realidade que encontramos, recebemos. É isso que o símbolo dá para ser pensado, para ser objeto do pensamento. A passagem do símbolo para o pensamento é importante, sem nunca reduzi-lo ao pensamento, mas também sem renunciar ao pensamento. Esta foi a metodologia de trabalho do A.

Fez-se muito presente nas análises a psicologia de Jung. Sem embarcar totalmente nos arquétipos, aproveita muito das intuições junguianas na interpretação do fenômeno religioso. Recorre também à etnologia, especialmente referindo-se ao fenômeno xamânico.

Considero como um dos pontos mais sugestivos do livro o emprego inteligente, na interpretação da relação com Deus e com o demônio, da distinção de N. Bischof em relação ao processo de maturação humana. Referindo-se ao mundo mítico e arquetípico, ele rejeita a interpretação “filogenética” para adotar uma compreensão psicodinâmica. Cada ser humano deve desenvolver-se, sempre de novo, da experiência simbiótica de união, na infância, até tornar-se uma ‘identidade permanente’. Implica um equilíbrio instável das diversas forças e experiências. A saúde psíquica depende de a pessoa encontrar o equilíbrio entre a ‘expe-

riência do meio’ (medial) e a ‘experiência das figuras’ (figural). A experiência medial é a de quem, por força interna, se sente inserido numa totalidade, assim como a criança no seio materno e ainda não estabelece distinções. É a ‘sensação oceânica’ de que fala Freud ou a “metafísica do Tao” de Capra. A experiência figural é aquela pela qual a pessoa percebe ser limitada, diferente do resto e aceita-o, tornando tal experiência fecunda.

Essa dupla categoria permite entender bem o movimento em relação a Deus, ao mal, seja por um profundo envolvimento por ele, quase sem distinguir-se dele (experiência medial), seja pelo confronto com um diferente até o extremo de conflitos violentos (experiência figural). Observa como a experiência figural exagerada leva a conceber tanto Deus quanto o demônio com um tu quase insuportável.

O A. consegue situar-se em posição de equilíbrio nas interpretações das experiências tanto místicas como diabólicas, mostrando o difícil limite entre o doentio subjetivo e a realidade objetiva do mundo da graça e do mal. Retoma interpretações teológicas de H. U. von Balthasar, J. Ratzinger, K. e H. Rahner, além de recurso freqüente a P. Ricoeur. A fila dos psicólogos, parapsicólogos, psiquiatras mencionada é enorme. Aí o A. mostra sua extrema erudição.

Quem se interessar por essa problemática, encontrará páginas muito esclarecedoras. Merece destaque especial sua posição sobre a trilogia inferno, demônio e pecado original, interpretada no horizonte do símbolo, afastando-se tanto de um dogmatismo rígido quanto de um racionalismo redutor que esvazia a realidade. Interpreta o itinerário es-

piritual de Santa Teresinha de Lisieux com muita lucidez. Sem negar os traços doentios herdados de um lar psicologicamente pesado, mostra a aventura da graça da santa que vive a radicalidade da experiência subjetiva de escuridão a ponto de sentir-se próxima dos ateus para lançar-se incondicionalmente nos braços da misericórdia e amor de Deus. Ela morre numa terrível agonia, mas sua última palavra, ao olhar para o crucifixo, foi, “Eu te amo”.

No meio de tanta confusão presente a respeito de demônio, anjos, reino do mal e batido pela onda da Nova Era, corre-se o perigo de perder-se na experiência medial de um Deus sem face ou de sobrevalorizar-se a figura terrível de Deus e a do demônio. As reflexões esboçadas pelo A. trazem excelentes esclarecimentos para ambas situações. Vale a pena conferir.

*João Batista Libanio SJ*

---

PISARRA, Pietro: *L'Évangile et le WEB: quel discours chrétien dans les médias?* Paris: Editions de l'Atelier / Editions Ouvrières, 2002. 120 pp., 21,5 X 13,5 cm. Collection Questions Ouvertes. ISBN 2-7082-3583-4.

---

Cresce a preocupação com os desafios que a mídia levanta à evangelização. O A., professor de sociologia geral e de midiática do Instituto Católico de Paris, aceita a tarefa. Em livro simples, claro e didático, trabalha a complexidade do tema. Insere o estudo da comunicação no contexto geral da comunicação humana, desde a diária até a mais ritualizada. Alude ao duplo mito da língua do paraíso — qual teria sido? — e ao de Babel. Os dois mitos perseguem a história humana no desejo de uma língua única ao lado da consciência da riqueza da pluralidade babélica.

Assistimos a um acontecimento de proporções gigantescas que é a criação das “redes numéricas”, afetando desde a tecnologia à cultura no sentido mais amplo. Comunicação é antes de tudo partilha de uma experiência, troca, diálogo. Só em segundo lugar, é difusão de informação ou de conhecimentos pelos canais da imprensa à Internet. Tarefa de sempre em cujo coração a Igreja sempre esteve nos seus 20 séculos. A Igreja

ora abençoou, ora desconfiou, ora teve entusiasmo moderado diante dos avanços dos meios de comunicação. Cabe distinguir a ideologia da modernidade midiática, o discurso técnico dominante e a importância da dimensão humana social da comunicação. A comunicação é tanto gestão das semelhanças niveladoras quanto das diferenças num diálogo com o outro. O A. desenvolve idéias gerais sobre a comunicação e sua nova forma midiática em relação com a Igreja. Ambas têm o que ensinar e aprender uma da outra.

Estamos diante de duas culturas, duas lógicas, duas linguagens, dois discursos, dois raciocínios. Comunicação não conhece seu contrário, pois não podemos não comunicar. Não comunicar é um modo de comunicar-se.

Conseqüência da interconexão midiática é a globalização, que nos liga ao vizinho de porta ou a um habitante da Austrália percorrendo a mesma distância que nos separa dos satélites transmissores num êx-

tase de velocidade. Os novos mestres do mundo são os gigantescos complexos de informação que gerenciam as notícias e alimentam os sonhos da humanidade. O A. alude ao efeito tam-tam que consiste na circularidade circular da informação. Todos os meios de informação do escrito à Internet gozam de “solidariedade”, falam entre si, ressoam-se. Mercantiliza-se a cultura. Cria-se a sociedade da amnésia que provoca verdadeira censura auditiva, não por subtração, mas por adição, acumulação. Surge um ciberespaço que abre novas fronteiras da evangelização. Ele é o sistema ecológico do mundo das idéias, uma noosfera esfuziante, em transformação acelerada, que começa a controlar o conjunto da biosfera e a dirigir-lhe a evolução para seus próprios fins.

Cria-se novo tipo de texto: o hipertexto. Tem nova gramática, nova linguagem, novos hábitos de leitura. Produz um “sentimento de urgência, de discontinuidade e de escolha a ser feita constantemente” ao lado de novas atitudes: surfar, borboletear, caçar, sugar. Dá-se a passagem da analogia para o numérico. Reina a tecnologia numérica que desmaterializa a economia da comunicação, introduzindo os *bits* que são as unidades de base da linguagem informática, tijolos para construir a realidade virtual.

Entra-se num mundo em que se viaja em alta velocidade, modificando a sensibilidade, a relação com a realidade. O mundo se constrói em redes. Estas “conduzem-nos para um futuro em que não há nem alto nem baixo, nem direção nem hierarquia, nem centro nem periferia, mas somente nós e conexões ágeis ligando cada nó a todos os outros” (M. Castells).

Com a perda do centro, as religiões ficam entregues a um processo de

*patchwork* ou de colagem de elementos diversos. Entram em choque a verticalidade da estrutura eclesial e a horizontalidade da WEB.

O A. produz excelente reflexão sobre o que no mundo da mídia é realmente “acontecimento”. Em vez de ser aquilo que simples e normalmente acontece, ele é o excepcional, o extraordinário, o imprevisível, que ilumina de luz nova o cotidiano e a morna série de fatos de cada dia. Não é dado, mas fabricado pela mídia. Sucede raramente, merece que se pare nele e se fale dele. Acontecimento é atualidade, são os fatos vivos e quentes, na sua manifestação mais chocante. É um evento midiático, construído, escolhido, encenado, montado. Das informações que chegam às redações, calcula-se que somente 10% são publicadas. Os critérios de escolha são a novidade, a importância prática, a proximidade física, psicológica e midiática, a carga emocional, as possibilidades de repercussão e finalmente a disponibilidade de imagens.

Cria-se nas redações uma rotina de produção, em que se consideram a função e nível das pessoas implicadas no evento, o impacto sobre o interesse nacional, o nome de pessoas implicadas ou susceptíveis de sê-lo, a possibilidade ou certeza de repercussões.

O evento sofre, ao mesmo tempo, uma descontextualização — é retirado de seu lugar de origem — e uma recontextualização — é inserido no fluxo do noticiário. Assume aí uma forma narrativa nova que o faz inteligível dentro de uma gramática própria.

A lei midiática é a realidade pelos fatos, os fatos pelas pessoas. A mídia é a fábrica do presente, do real. O que parece natural ao público, é produzido pela atividade conjugada

(passada e presente) por pessoas. Fala-se de verdadeiro “golpe de estado” informacional (P. Virilio).

Nesse contexto o que os franceses chamam de *faits divers* se tornam o novo ópio do povo. São eventos colhidos do cotidiano, banais, mas captados simultaneamente como insólitos.

As fotografias jogam papel importante. Provocam verdadeiro choque. Algumas correram o mundo, como a destruição das Torres Gêmeas, a menina do Vietnã incendiada pela bomba Napalm etc.

O A. desenvolve uma ampla reflexão sobre a importância da imagem para a Igreja, desde os inícios cautelosos por influência da reserva judaica diante das imagens, passando pela controvérsia com os iconoclastas e terminando com a vitória da imagem no Concílio de Nicéia do século VIII. Ela tem uma função didático-pedagógica. Chamada de *laicorum litterae* – literatura dos leigos —, *muta praedicatio* — pregação muda —, remédio para a incultura dos simples, para a tibieza das afeições e para a fraqueza da memória.

O livro desenvolve bela reflexão sobre a importância da linguagem gestual das mãos, do riso/gargalhada, das lágrimas, do olhar e do tom da voz. Submete a uma análise a imagem da Igreja na mídia e seus problemas com ela. Há tensões entre a palavra eclesial e a midiática. A primeira cultiva uma mensagem complexa enquanto a outra a simplifica; uma tem o gosto do segredo e a outra da publicidade; a Igreja se pensa coletiva, a mídia personaliza as instituições; o sentido eclesial prefere consenso amplo, enquanto a mídia explora o polêmico.

Há enorme defasagem na compreensão de tempo. A Igreja prefere uma

palavra meditada e lenta, enquanto a mídia cultiva a brevidade e a rapidez de comunicação. Para mídia tudo pode ter importância desde que se consiga transformar o fato em acontecimento. Para a Igreja, a relevância é intrínseca ao acontecimento. A mídia provoca mais um *fast*: os *fast-thinkers* rápidos pensadores —, enquanto a Igreja valoriza a meditação, a ruminação. A mídia usa da sinédoque, chamando um bispo ou padre de Igreja, usa e abusa da linguagem hiperbólica. Dá-se bem com uma religião da euforia, um culto da emoção, a juvenilização e a superficialidade.

Não se pode esquecer, num universo invadido de barulho e de imagens, a arte do silêncio e do ensino. A antiga retórica estabelecia como finalidades da comunicação: *docere, movere, delectare* - ensinar, comover, agradar. A mídia explora as duas últimas. À Igreja compete valorizar também o ensinar, sem negligenciar as outras duas. E na arte de agradar, abre-se-lhe uma possibilidade de educar as pessoas para a gratuidade, corrigindo a comercialização e instrumentalização do lúdico, do prazeroso.

Há no livro enorme riqueza de idéias, de reflexões. Carece, no entanto, de certa estruturação e organicidade. Talvez o tema seja arredo a uma organização mais estruturada. Sente-se o leitor envolvido por uma enxurrada de idéias que valem nelas mesmas sem muita articulação. O texto faz também freqüentes alusões ao mundo midiático francês: programas, pessoas, cenas, que estão fora do alcance de outros leitores. Serve de boa introdução e lançamento de questões para ulteriores estudos.

João Batista Libanio SJ

O autor, sacerdote romano da Congregação dos Legionários de Cristo, doutorou-se pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professor de teologia dogmática e espiritual no Pontifício Ateneu Regina Apostolorum, de que é também reitor.

O livro faz parte de uma coleção, de livros pequenos, com a pretensão de abordar questões atuais da fé. Responde ao projeto de um serviço à verdade na inteligência da revelação a fim de responder às perguntas que brotam do coração das pessoas de hoje.

O A. circunscreve o assunto ao tema dos sinais dos tempos. O toque de originalidade lhe vem de interpretá-los, não tanto a partir das análises sociopolíticas, como o faz a teologia da libertação, mas como sinais de amor. E recorre a autores da tradição para entender a realidade do amor.

A estrutura do livro segue o esquema tradicional de começar com uma brevíssima referência ao texto fundante do Novo Testamento continuando pelo ensinamento do magistério e prosseguindo com uma reflexão teológica. Esta parte ocupa mais de três quartos do livro.

A passagem bíblica estudada é a de Mt 16,1-4, onde Jesus se refere aos sinais do tempo atmosférico como alusão a um tempo mais importante, que é a sua presença entre nós. Recorre à figura de Jonas como sinal de sua paixão, morte e ressurreição. Daí o A. retira seis elementos como decisivos na compreensão de sinal dos tempos: provocação à fé em Cristo, ponto alto da busca humana da intervenção do alto, a relação entre o

governo divino e a manifestação de suas intenções em sinais, a concentração na pessoa de Cristo, a fé ou abertura de quem o percebe e a realização da história sagrada.

Referente ao magistério da Igreja, dedica algumas páginas a João XXIII, a Paulo VI e ao atual pontífice, incluindo também o Concílio Vaticano II. A reflexão teológica sistemática articula três grandezas: a história, a providência e a salvação.

O A. começa a reflexão partindo do Catecismo da Igreja Católica, afirmando a ação providente e salvífica de Deus, enquanto guia as liberdades por meio da liberdade humana, intervindo pessoalmente de modo especial pelo envio do Filho e do Espírito Santo. É uma *kenosis* de Deus. Esbarra-se com o mistério da possibilidade real da liberdade humana praticar o mal. Há uma só história em que se conjugam a eternidade da transcendência divina e a temporalidade da criatura humana numa relação complexa. A expressão bíblica “no princípio” traduz essa dimensão de eternidade e da qual a criatura espiritual participa. O próprio pecado se consuma nesse princípio. Por isso, a Escritura fala que o demônio tem sido homicida desde o princípio (Jn 8,44; 1Jn 3,8).

A teologia dos sinais dos tempos supõe a unidade da história sagrada e a do mundo. Uma mentalidade histórica, por influência do pensamento bíblico, cresce no mundo teológico, em contraponto com uma teologia essencialista anterior. Para entender os sinais dos tempos, o A. recorre à categoria de “acontecimen-

tos-fenômeno fundadores” de M.-D. Chenu e não simplesmente à de eventos isolados. São fatos históricos cujos significado e alcance históricos vão muito além da materialidade do fato. Serve de exemplo aquele pequeno grupo de revoltosos que tomou a Bastilha em Paris. Tal fato está na origem de um evento que marcará a história como a queda da Bastilha e a Revolução francesa. Há uma tomada de consciência desse evento que se difunde e acorda uma influência irreflexa na maioria, produzindo o efeito fundador. Segundo Chenu, os sinais dos tempos são fenômenos generalizados que abarcam toda uma esfera de atividade e exprimem as necessidades e aspirações da humanidade presente. Pessoas dotadas de sensibilidade captam-nos, esclarecem-nos e se toma assim consciência deles no movimento da história. Os sinais dos tempos, em sentido teológico, são “aqueles acontecimentos capazes de infundir um impulso, um vigor que orienta as ações, o movimento da história em direção ao reino de Deus, em conformidade com a mensagem evangélica”.

Apoiando-se sobre a “história dos efeitos” ou “concatenação dos efeitos”, a observação de um sinal dos tempos precisa de um longo período de tempo para que seja interpretado como tal. Semelhantemente à natureza dos textos que tiveram um influxo forte e permanente por causa de seu valor intrínseco notável, assim são os sinais dos tempos. Eles são plenos de valores e como tais captados por pessoas que têm sensibilidade diante dos valores. Neste sentido, os sinais dos tempos são percebidos no tempo e com tempo. E uma vez reconhecidos, ganham um caráter de definitividade, de irreversibilidade. E destarte se tornam fonte de vida cristã, de teologia. São

lugares teológicos. Mas também sinais de contradição.

Outra tese central do livro é que os sinais dos tempos são sinais de amor. Para isso, o A. estuda a natureza do amor, recorrendo a lídima tradição cristã. Com Santo Agostinho, distingue o duplo amor simbolizado pelas palavras *uti* – utilizar – e *frui* – fruir, gozar. O verdadeiro e mais alto amor faz parte do fruir. Na mesma linha, distingue com Santo Tomás o amor de concupiscência e amor de benevolência. O segundo termina no bem do outro, no gozo, enquanto o primeiro ainda carrega muito da busca do próprio bem. Ele estuda quatro componentes do amor: a adesão intensa, a *kenosis*, o dom, a reciprocidade. Cada componente, por sua vez, tem seus constitutivos. A adesão intensa implica identificação, afeto e entusiasmo. À *kenosis* se une a justiça no sentido de dar a cada um o que lhe é de direito. O dom exige gratuidade, e a reciprocidade pede a união.

O livro contém aspectos de novidade, embora trabalhe principalmente com fontes antigas. Falta naturalmente um toque de filosofia moderna que permitiria entender o sinal numa perspectiva seja existencial como socioanalítica. É verdade que o A. recorre a P. Ricoeur, mas de modo bem rápido. Reflexões como as de A. Comte-Sponville — Pequeno tratado das grandes virtudes —, sobre o amor, teriam enriquecido muito as considerações já interessantes do livro.

Mesmo sendo um estudo monográfico e de tema bem delimitado, o texto oferece considerações amplas sobre a realidade dos sinais dos tempos, situando-os sob luz nova.

João Batista Libanio

Toda pesquisa séria, confiável, como esta, sobre a prática religiosa é bem-vinda para a reflexão pastoral e teológica. Esta trabalha a postura de católicos e não católicos diante de questões da atualidade, como crenças, motivações religiosas, práticas religiosas, participação social, meios de comunicação de massa, orientações ético-religiosas, abrindo assim perspectivas pastorais.

A credibilidade da Instituição, que a realizou, e a competência da equipe, que a acompanhou e interpretou, avalizam os resultados e leituras. Um leitor mais informado a respeito dos itens pesquisados, ao ler os resultados e interpretações, talvez não encontre muita novidade. Vê muitas de suas intuições e posições confirmadas. Embora os dados não tenham trazido tanta novidade, eles oferecem, porém, uma base empírica valiosa de confirmação. Pois sentimos cada vez mais necessidade desse apoio estatístico para proceder com maior segurança. No entanto, não nos deixemos, como nos alerta o Diretor do CERIS, o politólogo Luiz A. Gómez de Souza, submeter-nos à magia dos números. "Os resultados não podem ter efeito paralisante. Pelo contrário, estão sujeitos à crítica, podem ser enfrentados e, se necessário, negados dialeticamente nas atividades sociais e pastorais. Uma pesquisa não legitima o *status quo*, mas pode incitar a modificá-lo" (p. 10).

A impressão geral do levantamento dos resultados confirma a já conhecida tendência, desde várias décadas, de privatização, subjetivação do reli-

gioso e a perda normativa das Instituições religiosas. Ao tratar da prática religiosa e da participação social, Sílvia R. A. Fernandes conclui dizendo que "a lógica dos fiéis é de valorização do sagrado, com ênfase na fé e na experiência. É a experiência que modela a intensidade da participação na religião que elegeu. Ocorre, assim, uma relativização permanente das "verdades" que cada sistema religioso apregoa" (p. 128). Conclusão semelhante tira A. Antoniazzi, ao escrever que "os dados acima me parecem mostrar que a hipótese do subjetivismo na escolha da religião está confirmada e que a própria construção ou 'armação' da religião, eventualmente por meio de um trabalho de *bricolage*, que ajunta peças de diversa procedência, está entre as práticas relativamente frequentes". A predominância do subjetivismo, observa o mesmo teólogo, aparece também nas *motivações* ou "razões de crer" (p. 256).

No entanto, incorre em equívoco quem pense que as Instituições religiosas perderam sua relevância social como uma consequência do crescimento do subjetivismo. No campo moral, onde aparece uma maior autonomia do sujeito diante das instituições, as pesquisas obrigam-nos a uma interpretação matizada. Em questões como planejamento familiar, uso de métodos contraceptivos, divórcio, segundo matrimônio, sexo antes do matrimônio e celibato religioso há uma tomada maciça de posição de católicos divergindo do ensinamento oficial da Igreja. Em

outros campos, como aborto, homossexualidade, adultério, eutanásia e manipulação genética, a maioria segue a posição oficial da Igreja. Só por esses dados é difícil saber da real influência da Igreja na formação dessas opiniões.

Esse dado da pesquisa levanta questões teológico-pastorais. Por que o ensinamento oficial da Igreja em muitos pontos não encontra “recepção” no sentido teológico do termo? Será sinal que a cultura dominante, com sua carga de contravalores, o impede? E então cabe uma tarefa de evangelização, de conversão e não de modificação do ensinamento. Ou, pelo contrário, a não-recepção aponta para uma resistência, como sinal dos tempos, e deve levar o magistério a um repensamento de sua doutrina? A história da Igreja conhece os dois casos. Tarefa de discernimento.

Fica mais clara a presença social da Igreja nas perguntas sobre o que se espera dela. Surpreendentemente grande maioria de católicos manifesta a posição de que a Igreja deveria debater, dar orientações, sem impor, mesmo sobre aquelas questões em que a maioria mostrou divergir: planejamento familiar, métodos contraceptivos etc. E nas questões mais graves como aborto, homossexualidade e adultério a maioria se inclina para a posição de que a Igreja deveria impor sua visão. Esses dados parecem indicar que o fenômeno de secularização institucional não está acontecendo nos mesmos moldes que muitos analistas, sobretudo europeus, descreveram. Há um peso institucional da Igreja, ainda consistente, no papel de debater e orientar, sem impor, em questões da vida moral íntima das pessoas. E, em alguns casos, quer-se mais: uma imposição de sua posição. Talvez esteja aqui uma das maiores

surpresas da pesquisa que contradiz a propalada onda de perda de força institucional da Igreja no campo da moral, da bioética.

A leitura da pesquisa permite que não entendamos as tendências no interior da cultura e da Igreja como ondas sucessivas que se substituem umas às outras. Antes aparecem simultâneas, com predominância de uma determinada, mas não com a anulação das outras. Sílvia Regina observa muito bem quando afirma que o campo católico se constitui de permanências e descontinuidades (p. 127). Não é de estranhar que a tendência da “secularização da instituição” coexista com a presença moral significativa da Igreja como instituição.

A pesquisa salienta distinções entre as metrópoles pesquisadas. Aqui também vale matizar a dupla tendência conflituosa. Há certamente uma enorme homogeneização cultural por força da mídia, da globalização, da expansão rápida do acesso à Internet. No entanto, isso não anula diferenças locais eclesiais e eclesásticas. Com olhar arguto, percebe-se o peso da influência do comportamento da hierarquia, especialmente quando uma única e forte figura dominou muito tempo a igreja local. Cabe fazer uma releitura seletiva a partir da cidade para ter uma idéia melhor de sua pastoral. Trabalho a ser feito pelas igrejas locais pesquisadas.

Resulta das pesquisas a crescente percepção de “uma pluralidade de modos de ser católico que irão conseqüentemente delinear práticas plurais dos fiéis que assim se identificam”. Cada vez se torna mais difícil delinear a nota eclesial da “unidade”. Diante desse fato, alinham-se posições teológico-pastorais de maior ou menor rigorismo na definição da pertença à Igreja.

A discussão teológica sobre sincretismo recebe contribuição da pesquisa. Sílvia Regina julga necessário que se defina, ao falar de sincretismo, se se trata da prática ou crença do indivíduo ou de uma forma mais global. Ela percebe três modalidades de sincretismo. Uma é representada pelo indivíduo que compõe seu sistema de crenças com elementos de várias tradições religiosas e não possui uma prática institucional fixa. Outra se refere ao indivíduo que possui uma prática institucional fixa, mas seu sistema de crenças é plural, combinando elementos de sua religião e de outras. Uma terceira é representada pelo indivíduo que não está de forma alguma ligado a uma prática institucional, mas que possui crenças de várias religiões, combinando-as de maneira subjetiva, sem critério institucional (p. 91).

Em dois momentos, sem ser especialista em formulação de pesquisa, pareceu-me que as perguntas foram mal formuladas. A questão do celibato religioso põe sob a mesma com-

preensão o religioso e o clérigo. O subtítulo fala de “casamento de padres e freiras”. A pesquisa deveria versar unicamente sobre o celibato obrigatório para o exercício do ministério sacerdotal. Aí que está o problema. Em outro lugar, não entendi a razão da distinção entre “aventura fora do casamento” e “adultério”. Supõe-se que a aventura fora do casamento seja de casados, logo é adultério. Pois existe uma pergunta para sexo (antes) do matrimônio, que seria o caso de aventura de solteiros (fora, antes do matrimônio).

Evidentemente uma análise mais detida sobre os dados permite dar muito mais ainda da pesquisa do que o que se expôs numa primeira interpretação. Material importante que merece ser trabalhado nos cursos de atualização do clero a fim de ultrapassarmos a fase das impressões, descendo à dos fatos mais bem constatados.

João Batista Libanio SJ

---

GARHAMMER, Erich / HOBER, David (Hg.): *Vom Non-Prophet-Unternehmen zu einer visionären Kirche: Verkündigung in der Mediengesellschaft*. Würzburg: Echterverlag, 2002. 143 pp., 20,5 X 12,5 cm. ISBN 3-429-02456-0.

---

É um conjunto de textos de diferentes autores que se dedicam a refletir sobre o impacto dos meios de comunicação social (MCS) na evangelização. Os títulos dos trabalhos já indicam por onde caminham as reflexões. M. N. Erbertz tratou do sentido da Tradição e da lógica própria dos MCS em 10 teses (11-24); K. Müller abordou a pregação na mídia — possível, real, virtual, como uma provocação homilética (25-48); H.-J.

Höhn, sob o título ReMedia, que joga com a etimologia de Re – realidade —, Media – meios de comunicação — estudou a religiosidade nos MCS sob o aspecto de fenômeno e crítica (49-75); U. Harbecke tratou dos pequenos profetas e os papas da mídia considerando a Igreja na avenida dos MCS tomando o profeta Habacuc como símbolo (76-92); M. Hochschild circulou entre o duplo fenômeno do desencantamento e reencantamento a

partir de um cristianismo que encanta o mundo (93-117); E. Garhammer estuda as conseqüências da mídia sobre a pregação (119-130) e finalmente o mesmo autor fecha o livro com pequenas pregações para o Domingo dos MCS (131-139).

Retomando alguns pontos mais em particular. Um primeiro trabalho formula 10 teses sobre a presença dos MCS na Igreja. A lógica e a pluralidade dos programas dos MCS alimentam a autocentração dos receptores. Isso repercute na conduta de autonomia dos fiéis em relação às normas eclesiais. Na mídia, a Igreja não pode abrir mão da centralidade da soberania de Cristo na mensagem cristã e da sua responsabilidade nessa missão de gratuidade. Entre Igreja e MCS deve haver um mútuo reconhecimento e respeito, sem instrumentalizarem-se mutuamente em vista dos próprios interesses. Há muitos mal-entendidos a evitar de ambas as partes. A Igreja tem direito de uma presença na mídia. Seus programas caem sob estudos empíricos a fim de saber-se a real eficiência do anúncio e da reflexão de fé nos MCS.

O livro chama a atenção para o uso por parte da Igreja, ao longo de sua história, dos meios de comunicação da época. A novidade hoje é a qualidade dos MCS com a transformação da Galáxia da comunicação. Al Gore chama o WWW o novo areópago, a nova idade ateniense, expressão que o Papa João Paulo II retoma mais tarde (p. 29).

Repetindo o pensamento de M. McLuhan de que "o meio é a mensagem", explicita-se que o meio técnico tem, ainda antes de qualquer mediação de sentido, um conteúdo próprio. Modifica os critérios de com-

preensão do tempo e esquemas impostos à realidade.

O livro insiste em que as leis que regem e regem a homilia das celebrações não valem para as feitas nos MCS.

Discute-se mais longa e filosoficamente o que seja realidade virtual, iniciando a reflexão com o conceito escolástico de *virtualiter*. Trata também da questão da pluralidade simultânea de identidade das pessoas que se relacionam virtualmente. Faz tempo que virtualidade se tornou um fenômeno cultural de massa (p. 34). Refere-se expressamente ao filme *Matrix* de Larry/Andy Wachowski. O que é real aí? Alguém que comentava o filme dizia que hoje já não há percepção da realidade que não esteja infeccionada pelas imagens do cinema (p. 35). O fato de saber que podemos estar manipulados pelas imagens já pertence ao consciente coletivo. Faz parte do todo da "confiança" na mídia.

A telemática insinua a total disponibilidade de si mesmo, de suas necessidades e dos outros, desde que se queira usar seus recursos. Espécie de onipotência. Posso comprar qualquer coisa em qualquer parte pela Internet e assim satisfazer meu desejo. Fala-se de uma cultura *online*: sempre atualizada, uma vez que aceite a forma midiática. Nada nos escapa. Sensação ilusória, mas se crê real.

O problema se torna mais profundo quando percebemos que as pessoas hoje entendem a realidade como algo construído midiática e virtualmente. Será que a fé pode ser entendida assim?

Diante do WWW, extremos se manifestam. Temos aí a mais alta prática

e demonstração de democracia. Todo mundo pode atingir todo mundo. Superam-se as hierarquias. Outros vêem nessa cultura do WWW uma circulação de lixo cultural. A verdade situa-se naturalmente entre os extremos.

Outro tema abordado foi o da tensão entre o desencantamento que a secularização provocou e o re-encantamento que a cultura atual midiática tem incentivado. Excelente espaço para a capacidade cristã de discernimento.

Um dos textos distingue os milênios de maneira simbólica e simpática, embora bem imprecisamente, pela diferença de um "disco". O primeiro milênio foi comandado pelo disco-hóstia. Foi o milênio religioso em que a fé católica regia todos os domínios do político ao cultural. O segundo milênio substituiu a hóstia pelo disco-moeda. O dinheiro, o lucro, o mercado triunfaram no milênio passado. Agora entramos no 3º milênio em que o disco-CD-ROM rege a cultura da pluralidade, diversidade, liberdade (p. 131).

Se olharmos de perto a relação entre Igreja e MCS, vemos possível uma Igreja que não use os MCS, mas onde o evangelho é anunciado aos pobres, os sacramentos administrados, os sofredores consolados, os doentes visitados, o amor de Deus manifestado junto aos pobres. Esta é a Igreja de Cristo. Mas uma Igreja com MCS modernos, mas onde todas aquelas práticas desaparecem, a saber, os velhos não são cuidados, os leitos dos

hospitais não são visitados, não se ouvem as dores das pessoas, não se instruem as crianças. Esta não seria a Igreja de Cristo (p. 133)

Os MCS estão a escandir a vida das pessoas, como fazia o soar dos sinos antigamente. Têm uma função litúrgica com seus ritos. Os diversos telejornais e programas televisivos dividem o dia das pessoas. A TV diverte e entretém os espectadores. O autor joga com a pluralidade de sentido de *Unterhaltung* que, ao mesmo tempo, refere-se a conversa, alimento e entretenimento. A TV *unterhält* (126).

A TV não suporta o vazio. Enche todo o tempo. E com produtos de rápido consumo. Cada dia tudo começa de novo e o ontem perde-se num passado longínquo. Ela está assumindo o papel, não de reprodutora da realidade, mas de produtora. Em muitos programas, serve de espaço de revelação das intimidades pessoais e quem a resiste, termina sofrendo forte retaliação, ou pela via do desconhecimento ou pela do ataque.

O livro é desigual. Apresenta reflexões sugestivas. A linguagem, seguindo a índole da língua, é algo complicada com frases extremamente longas. Ganharia muito se fosse escrito de modo mais direto e claro.

João Batista Libanio SJ

---

COZZENS, Donald B.: *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. Tradução do original inglês de 2000 por Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo, Loyola, 2001. 189 pp., 21 X 14 cm. ISBN 85-15-02387-3.

---

Livro maduro, corajoso, equilibrado e sereno. Adjetivos que sintetizam um trabalho sério de um sacerdote americano, psicólogo, reitor e professor de teologia pastoral em Seminário, além de ter trabalhado muitos anos como orientador e conselheiro de sacerdotes. Acompanhou a muitos nas suas crises de discernimento vocacional, participou de dolorosas entrevistas com sacerdotes envolvidos nos escândalos de pedofilia e suas vítimas nas últimas décadas.

Com enorme experiência de sacerdotes e excelente bagagem teórica teológica e psicológica, ao lado de uma maturidade e equilíbrio humanos que transparecem nos escritos, o A. escreveu uma obra que recomendo altamente aos formadores de seminário, a sacerdotes envolvidos em dificuldades vocacionais, a seminaristas em via de discernimento. Enfim, o livro ajudará a muita gente.

O tema central é a questão da identidade sacerdotal em tempos de turbulência teológica, pastoral e humana. Numa primeira parte, concentra-se na questão de descobrir e proteger a identidade sacerdotal com um olhar especial sobre o amor celibatário. Identifica uma mudança de identidade na compreensão do sacerdote anterior e posteriormente ao Concílio. Indica-a com a passagem de um sacerdote do púlpito para o da participação, do pregador clássico ao sujeito do mistério, do perfil solitário para um ministério em colaboração, de uma espiritualidade monástica para uma secular, de voltado para a salvação das almas à libertação das pessoas.

Usa o conceito teórico de arquétipo diádico ou bipolar da psicologia arquetípica para entender a identidade do sacerdote. Considera-o à luz de um conceito arquetípico na bipolaridade com paroquiano. Aproximando-o da analogia do médico/paciente, analisa como a díade é mantida para sanidade do sacerdote ou é rompida com distúrbios de comportamento.

Um capítulo é dedicado à tensão que o sacerdote vive para manter a própria identidade que implica obediência, fidelidade à Igreja e também lealdade à sua própria pessoa.

No capítulo do amor celibatário joga com outra díade: intimidade e transcendência. Distorções na sua vivência traz distúrbios de conduta. Trabalha com clareza, madurez e equilíbrio a tensão entre a necessidade e a riqueza para o sacerdote da prática da intimidade com pessoas de ambos os sexos e seus riscos. Estuda dois casos, um medieval do amor entre o geral dominicano Jordão da Saxônia e a geral do ramo feminino da mesma ordem, e outro da atualidade, a saber, a relação afetiva do trapista Thomas Merton e uma enfermeira 20 anos mais moça que ele. Baseia o estudo em textos autobiográficos dos personagens.

Na segunda parte, o A. enfrenta os desafios do sacerdote. Inicia com a relação com o inconsciente. Recorre a uma leitura metafórico-icônica do complexo de Édipo para entender conflitos dos sacerdotes. Não superando a disputa do amor exclusivo da mãe, o sacerdote vive situações conflituosas bem diversas, de ciúme,

carreirismo, concorrência com os colegas, dependência infantil diante dos superiores etc. E menciona também a situação edipiana mal elaborada na pessoa do bispo. São reflexões objetivas, serenas, respeitadas, mas claras. Levam a pensar.

Continuando no âmbito da psicologia arquetípica, enfrenta o problema da masculinidade do sacerdote, do arquétipo do xamã ou do sacerdote. Mas se detém mais longamente sobre o arquétipo do *puer aeternus* — eterna criança — que se encontra com frequência no mundo dos seminaristas e sacerdotes com sua dupla faceta positiva e negativa. Reflexões muito interessantes e elucidativas de comportamentos ambíguos de sacerdotes que prolongam a “eterna criança”.

Um capítulo mais psico-teológico detém-se na missão do sacerdote de guarda e anunciador da Palavra com tudo o que isso significa de responsabilidade, de peso existencial, de tensão interior, de preparo, de cultivo da criatividade, de estudo e empenho.

A terceira parte tem o subtítulo de preocupações. Enfrenta com clareza e serenidade a realidade do homossexualismo no clero, como questão pessoal do sacerdote e a relação do homossexualismo com o próprio sistema eclesiástico. Da leitura fica a séria pergunta se a estrutura do clero celibatário não atrai maior concentração de homossexuais e a conseqüente dificuldade da perseverança de heterossexuais, que aí se sentem deslocados. Em um capítulo, trata com clareza a questão da pedofilia nos EE. UU. e suas repercussões no futuro do surgimento de vocações sacerdotais. Já há sinais de rejeição explícita de pais católicos da vocação sacerdotal para os filhos por causa da situação incômoda criada pelos escândalos da pedofilia.

O livro termina retomando o título do livro: a face mutante do sacerdote. Focaliza os atuais problemas que cercam o imaginário católico a respeito do sacerdote. Distamos muito daquele tempo de veneração e respeito pelo clero. Há nítidas suspeitas. É uma conjuntura difícil que as vocações enfrentarão.

O livro reflete grandemente o contexto americano. No entanto, tem valência para o Brasil em muitos pontos e levanta um questionamento sério às autoridades eclesiásticas no sentido de enfrentar com coragem, transparência, ousadia e misericórdia a situação conflituosa do clero.

Enquanto nos EE. UU. a queda de vocações para o clero diocesano é drástica, no Brasil estamos vendo os seminários cheios. Tais diferenças não deixam de ser também problemáticas e merecem reflexão. Há ambigüidades tanto na escassez como na abundância de vocações.

A tradução refletiu, em alguns momentos, um uso inadequado de termos eclesiásticos, usando a expressão padre paroquial em lugar de padre diocesano ou secular, vigário paroquial no lugar de pároco, e outros senões. Num contexto em que se esperava “desculpar-se”, que deveria corresponder à palavra inglesa *apologize*, traduziu-se por apologia, com sentido bem diferente.

A coragem com que o A. tratou do assunto é exemplar. Significa o início de nova atitude de deixar a política do avestruz para enfrentar à luz do dia os problemas e perguntar-se também pelas próprias estruturas clericais que alimentam ambigüidades de comportamento.

João Batista Libanio SJ

---

LOHFINK, Norbert. *Hinos dos pobres: o Magnificat, os Hodayot de Qumran e alguns salmos tardios*. Com um anexo: bibliografia sobre os *hodayot* de 1948 e 1989 por Ulrich Dahmen. Traduzido do original alemão de 1990 por Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Loyola, 2001. 182 pp., 21 X 14 cm. ISBN 85-15-02211-7.

---

O A., professor de exegese no Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e na Philosophisch-Theologische Hochschule St. Georgen (Frankfurt/Main) é muito conhecido no mundo acadêmico pelas suas muitas publicações (exegese, eclesiologia, diálogo com o judaísmo).

O livro nasceu de um curso ministrado na Faculdade de Teologia em Frankfurt e, como afirma o prefácio, quer ser uma contribuição à questão da busca de fundamentos bíblicos para a Teologia da Libertação. A pergunta à qual quer responder é se havia na experiência espiritual recolhida na Bíblia uma espiritualidade propriamente dos pobres, na qual a pobreza era vista como uma condição preferencial para a proximidade com Deus.

A resposta que o A. dá à pergunta acima é positiva. A “espiritualidade dos pobres” já está presente na teologia do Êxodo (libertação dos oprimidos), bem como na teologia que decorre da amarga experiência do Exílio, na qual Israel se identifica com o Servo de YHWH, pobre, maltratado, desprezado, mas amado por Deus.

Ainda que o A. tenha explicitado o seu interesse com respeito à Teologia da Libertação, a obra em questão é antes um estudo bastante técnico, nos moldes da Academia européia. Ainda que trate da espiritualidade dos pobres, o faz, contudo, a partir de um ponto de vista que não é propriamente o da Teologia da Libertação.

Além de analisar alguns textos bíblicos, o A. vai dedicar grande parte do seu estudo à apresentação de como essa espiritualidade dos pobres está presente também em textos da comunidade de Qumran, os quais oferecem importantes informações sobre o ambiente judaico no período próximo ao início da Era Cristã.

O livro pode ser dividido em três partes. Na primeira, mais breve (um capítulo) o autor aborda a espiritualidade dos pobres partindo de uma análise do *Magnificat*.

Na segunda, mais extensa (10 capítulos) o A. entra no tema específico das *hodayot* fazendo no início uma apresentação breve da comunidade de Qumran e da espiritualidade lá vivida, especialmente no tocante ao tema da pobreza (o tradutor, provavelmente enganado pelo alemão, que não distingue gêneros nas formas plurais, usou o termo *hodayot* como se fosse um plural masculino. Entretanto, *hodayá*, cujo plural é *hodayot*, é palavra feminina).

As *hodayot* são orações em forma de hinos de ação de graças. Os estudiosos ainda não chegaram a um consenso quanto à sua finalidade: para uns, teriam função litúrgica, acompanhando o culto. Já para outros, seriam antes textos devocionais, usados para meditação. O tema dos pobres está bastante presente nesse hinos, o que os coloca muito próximos a vários salmos que também apresentam essa temática. Indo mais além, atestam-se já nas *hodayot* ex-

pressões que contribuem para a formulação de expressões do Novo Testamento, como “pobres em espírito”.

Na terceira e última parte (4 capítulos), o A. retoma a temática da espiritualidade dos pobres a partir da análise de alguns salmos (Sl 140; 146; 147; 149).

O anexo no final do livro apresenta a bibliografia sobre as *hodayat*, de

1949 a 1989, a qual estava bastante atualizada quando da edição original alemã (1990). Teria sido interessante se a edição brasileira tivesse tentado acrescentar alguma indicação do que foi escrito sobre o tema nos últimos 11 anos que a separam da edição alemã.

Claudio Paul SJ

---

MATERA Frank J.: *Strategies for preaching Paul*. Collegeville (Minnesota): Liturgical Press, 2001. 186 pp., 21 X 13,5 cm. ISBN 0-8146-1966-5.

---

O A. é conhecido por obras anteriores bem sucedidas, como *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*, S. Paulo: Paulus, 1999, e a obra ainda não traduzida, *New Testament Christology*, Louisville: Westminster John Knox, 1999. Em ambas estas obras o A. estende-se predominantemente no estudo dos escritos do Corpus Paulinum. Sua competência é comprovada, o que faz dele um dos bons especialistas nos estudos paulinos de hoje.

*Strategies for preaching Paul* no entanto é uma obra modesta, destinada a dar aos pregadores, padres e ministros do culto da palavra, ajuda para entenderem e pregarem sobre os textos paulinos que são utilizados pela liturgia dominical, no ciclo dos três anos, A, B e C.

Seus pontos de partida, ou *estratégias*, são dois: a situação histórica e a estrutura literária de cada epístola. Não é intenção do A. apresentar uma obra exegética, ou um comentário como os tradicionais, a cada epístola. Trata-se mais de um livro para

acompanhar o pregador a cada domingo, dando-lhe as linhas teológicas principais de cada texto paulino utilizado. Assim o livro é de leitura agradável, clara e fácil. Não há notas de rodapé; a bibliografia final, muito selecionada, é reduzida a duas páginas e meia. Isto não quer dizer que se trate de uma obra superficial. O A. é profundo entendedor dos textos paulinos e de sua interpretação atualizada.

A um prefácio e introdução sucedem-se três partes: Ano A, Ano B, Ano C. Uma conclusão termina a obra com algumas sugestões a mais aos leitores.

O que é necessário saber sobre cada escrito do Corpus Paulinum, mais a epístola aos Hebreus, é fornecido com simplicidade, mas competência, no início de cada parte do livro. Assim o A. apresenta no início de cada ano uma introdução breve a cada escrito paulino que nele é utilizado. Esta introdução é parte vital do livro, e o leitor deve lê-la, sem contentar-se com a leitura do que se refere em particular ao texto paulino da liturgia

de um determinado domingo. Precisamente é este procedimento que ajudará os pregadores, uma vez que estes têm diante de si, a cada domingo, um fragmento paulino, que geralmente é lido destacado de seu contexto literário e histórico. Uma leitura atenta do livro possibilita ao leitor uma visão mais ampla da teologia paulina, e permite ver o relacionamento entre seus textos.

Embora o livro não seja escrito para uma leitura contínua, mas pausada no momento de preparar a homilia, apresenta em seu conjunto dados de extrema importância que devem ser lidos em vista da preparação imediata de determinado texto usado em cada domingo. Afinal, é quase um manual, que sendo usado com frequência possibilita ao leitor o domínio, até certo ponto, da teologia paulina no que se refere a seu uso litúrgico. Note-se porém que a obra não abrange as leituras semanais, isto é, dos dias da semana entre os domingos. A isto o leitor deve estar atento, para perceber a continuidade da leitura dos textos paulinos ao longo da liturgia.

Oferecendo principalmente a teologia dos textos paulinos, o A. não pode se ocupar com a problemática pastoral de seus leitores, embora aqui e ali mencione alguns problemas da Igreja nos Estados Unidos, atingidos pela temática paulina.

Porém o leitor não deve se iludir imaginando que tendo lido tal obra tudo esteja feito para obter ótimas homilias sobre os textos paulinos. Uma das maiores dificuldades para a correta utilização dos textos paulinos, nas homilias dominicais, e

outras reside na insuficiente preparação dos pregadores, se não tiveram um bom curso sobre os escritos paulinos; ao que parece esta é a situação de um grupo numeroso de pregadores. Geralmente a homilia se concentra no texto do evangelho do dia, e as leituras ficam esquecidas, como se fossem secundárias. Para superar este problema este livro não oferece ajuda, infelizmente. O A. em parte alguma vincula o texto paulino de cada domingo com seu correspondente evangelho, nem com a outra leitura que compõe a liturgia da palavra dominical. Isto provavelmente se deve à intenção do A. de ser breve, limitado exclusivamente aos textos paulinos; mas um aceno ao evangelho do dia sem dúvida teria permitido atingir aqueles aspectos pelos quais a liturgia ao longo dos séculos associou tais textos entre si. O A. não chega a perguntar por qual motivo um determinado texto paulino é escolhido para aquele determinado domingo. Também omite uma reflexão sobre a sucessão dos domingos e seus respectivos textos. Isto é deixado para o leitor, para que por si mesmo descubra as devidas associações e conexões teológicas.

Mesmo com tais limitações o livro se apresenta válido, especialmente porque vem preencher uma lacuna nesta área. Quem o ler terá a certeza de ter uma boa interpretação de Paulo, utilizável nas homilias dominicais. Seu título poderia ser traduzido ao português desta forma: *como pregar sobre S. Paulo: recursos para as homilias dominicais*.

Valdir Marques SJ

---

SWETNAM, James: *Gramática do Grego do Novo Testamento*: parte I morfologia vol. I: lições. Tradução do original inglês de 1998 por Henrique Murachco, Juvino A. Maria Jr. e Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002. 451 pp., 23,5 X 16 cm. ISBN 85-349-2001-X.

SWETNAM, James: *Gramática do Grego do Novo Testamento*: parte I morfologia, vol. II: chaves e paradigmas. Tradução do original inglês de 1998 por Henrique Murachco, Juvino A. Maria Jr. e Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002. 334 pp., 23,5 X 16 cm. ISBN 85-349-2001-X.

---

Dez anos depois da primeira edição em inglês chega até nós a tradução do livro de J. Swetnam. Estribado em mais de 30 anos como professor de grego no Pontifício Instituto Bíblico, o A. oferece um material didático de qualidade indiscutível, tendo sido traduzido já para diversas línguas (francês, italiano, espanhol, croata). O título da tradução brasileira pode enganar, pois não se trata exatamente de uma gramática (o título do original em inglês é “Uma Introdução ao Estudo do Grego do Novo Testamento”, ainda que o A. na introdução, fale do livro como uma “gramática”). Essa obra é antes um manual didático para o aprendizado do grego do Novo Testamento. A preocupação com a progressividade do processo de aprendizagem é respeitada, tanto no que diz respeito à complexidade dos fenômenos gramaticais (apresentados não em blocos abrangentes, mas em pequenas “porções”), quanto ao que se refere à aquisição gradual de vocabulário.

A obra é apresentada em dois volumes. O primeiro pode ser dividido em dois grandes blocos: da 1ª lição até a 67ª são apresentados o vocabulário essencial e a gramática fundamental do grego do Novo Testamento (cada lição termina com exercícios de tradução e versão baseados em versículos do Novo Testamento). Da 68ª à 100ª lição trabalha-se com o método de leitura contínua, inicial-

mente a partir do evangelho de Marcos, e logo depois, o de João, dando-se atenção a questões de gramática e de vocabulário ainda não contempladas nas lições anteriores.

O segundo volume, por sua vez, oferece a chave dos exercícios, bem como uma série de úteis paradigmas de declinações (substantivos, adjetivos, pronomes) e conjugações de verbos, com especial atenção aos irregulares. Sempre que possível, o A. apresenta também relações etimológicas entre o vocabulário grego e vocábulos de origem grega correntes nas línguas moderna. A última parte é constituída por índices que servem como o mapas para o manuseio rápido e prático dos dois volumes

Tendo em vista o seu caráter introdutório, a obra apenas aponta alguns aspectos mais simples e correntes da sintaxe grega, a qual se supõe será aprofundada em estudos posteriores mais avançados.

O “manual” foi preparado especialmente para quem quer ou tem que estudar o grego sem o auxílio de um professor, contudo, dado que surgiu da experiência de aula do A., adapta-se sem dificuldade ao uso como manual para cursos sob a orientação de um professor.

A apresentação gráfica é esmerada, com tipos grandes e claros, possibilitando uma leitura nítida do texto

grego. Os dois volumes vêm com uma capa plástica que ajuda a conservá-los, uma vez que, sendo “manuais”, devem ser manuseados constantemente. Um único senão refere-se ao uso de parênteses (nos exercícios, chaves de correção e listas de vocabulário). Os tradutores usam-nos às vezes para assinalar duas traduções possíveis a partir do inglês, colocando uma entre parênteses (p. ex., p. 82 lição 55, exercício I, frases 1 e 9). Contudo, isso mais atrapalha do que ajuda, tendo-se em vista o escopo dos exercícios, o qual é principalmente a aquisição de familiaridade com as formas gramaticais, e não a apresentação de uma (sempre difícil) tradução exata. Em outras ocasiões, os parênteses indicam formas que devem ser acrescen-

tadas à tradução para o português por motivos de clareza (p. ex, p. 77, lição 50, exercício I, frase 9). O uso dos parênteses sem critérios muito claros, além do mais, torna impossível distinguir o que provenha da pena do A. (que faz uso de colchetes para precisar questões de tradução, cf. p. 68 da edição em inglês de 1992, frase 7) e o que seja indecisão/dificuldade dos tradutores.

Por fim, uma diferença importante entre a 1ª edição em inglês e a 2ª, a qual foi base para a tradução brasileira, é o apêndice sobre a questão do aspecto verbal no grego, apresentado de modo breve e claro.

*Claudio Paul SJ*